

Manuel Vitorino dos Santos: Mussulumin ai aparece como o herói civilizador dos negros (10). Por outro lado, não acho que se possa atribuir, como pretende R. Ricard, a ligação de Oxalá com a sexta-feira a uma influência muçulmana, e sim antes a uma influência cristã. Oxalá é por toda a parte, no Brasil, identificado com o Cristo, e o Cristo verdadeiro da Bahia é o do Bomfim, que é o Cristo na Cruz; Jesús nela morreu numa sexta-feira. Em outros lugares, Oxalá é adorado no domingo, dia da missa.

Acrescentemos, para esclarecer o texto de R. Ricard, na pg. 6: "Devemos notar, porém, que segundo Donald Pierson subsistem no Brasil três pequenas comunidades negro-muçulmanas. O autor, todavia, se exprime, sobre esse ponto, em termos prudentemente hipotéticos", que se pode ir mais longe do que a hipótese:

1 — Os negros da Bahia reconhecem que, se existe sempre uma *linha* mussurumi (isto é, um tipo de cânticos), não existe mais "nação" muçulmana. Por conseguinte, as seitas muçulmanas que poderíamos encontrar na Bahia seriam *candomblés nagô*, talvez com algumas variações (infelizmente não foram estudadas até o presente), assim como os filhos do Dahomey, na Bahia, seguem, com algumas diferenças, o rito nagô.

2 — Existe uma seita mussurumi na Bahia, oficialmente registrada na polícia, a de Pedro Manuel do Espírito Santo, na Liberdade. Aydano de Couto Ferraz fala de um *candomblé* mussurumi na rua Oriental do Japão. Seria o mesmo, que talvez tenha se mudado? Talvez não, pois ainda há pouco tempo Edison Carneiro indicava sempre para a seita mussurumi a estrada da Liberdade. Teríamos assim ad menos duas seitas muçulmanas, que provavelmente não têm de islâmico senão o nome e alguns raros traços culturais.

3 — Uma vez que, como indicamos, o culto de Ifa se liga ao Islão por intermédio da geomância, há probabilidade de que possamos encontrar no mundo dos *oluô* o título de mussurumi; com efeito, a opinião pública dava este mesmo título ao *oluô* Felisberto Salge.

ROGER BASTIDE.

ELLIS JÚNIOR (Alfredo). — *Um Parlamentar Paulista da República*. Boletim CII — História da Civilização Brasileira n. 9, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Gráfica Bentivegna. São Paulo (1949). 495 pp.

"Um Parlamentar Paulista da República" é o título que o Prof. Alfredo Ellis Junior deu à biografia que traçou de seu ilustre progenitor, Alfredo Ellis, por ocasião do centenário de seu nascimento, que teve lugar em São Paulo, a 19 de março de 1850.

Jovem ainda, apenas concluídos os primeiros estudos, na provinciana Pauliceia de então, parte o futuro senador da República para os Estados Unidos

(10) — MANUEL VITORINO DOS SANTOS, "O mundo religioso do negro da Bahia", "in" *O Negro no Brasil*, Rio, 1940, p. 243 e segs.

(11) — ARTHUR RAMOS, "O negro Brasileiro", o. c. p. 82, em nota — EDISON CARNEIRO, *Candomblés da Bahia*, Museu do Estado, 8, Bahia, 1948, p. 27 e 28 (sem conhecer o artigo de P. Frikel, E. Carneiro sentiu muito bem a influência muçulmana nos ritos mortuários negros; vêr sobre isso, do mesmo autor, "Uma revisão na etnografia religiosa afro-brasileira, in "O Negro no Brasil", p. 63). AYDANO DE COUTO FERRAZ, "As culturas negras no Novo mundo", *Boletim d'Artes*, 3, 1938, p. 340.

da América do Norte, que se encontravam divididos pela tremenda luta interna, que foi a guerra de secessão. Não se tratava, porém, de simples viagem de turismo, pois Alfredo Ellis ia realizar naquele país, na Universidade de Pensilvânia, o curso de medicina, que completou com dezanove anos apenas. Abraçava, assim, a profissão de seu pai, o Dr. William Ellis, velho médico inglês, que tendo vindo para o Brasil, no vigor da mocidade, aqui se integrara e constituira lar, em ramo de tradicional família paulista.

A permanência de Alfredo Ellis nos Estados Unidos, num período de tamanho entrêchoque de interesse e idéias, em que ao aristocracismo do Norte se opunha esmagador o liberalismo do Sul, marcou profundamente sua individualidade em formação, traçando-lhe como que o roteiro de sua vida futura. "Vários anos passados nesse ambiente psicológico", diz o Autor, "endurecido pelo amor à sagrada memória de Washington e apaixonado ao rubro pela sombra de Lincoln, foi cunhada em Alfredo Ellis tal influência, que nele se manteria indelevelmente até o túmulo".

* * *

De volta ao seu país, depois de percorrer a Europa, o novo médico monta consultório em S. Paulo, em companhia de seu pai, tendo, entretanto, clinicado apenas quatro anos, ou seja, de 1870 a 1874. Atraído pela lavouira do café que, "como avalanche, se derramava impetuoso e incoersível pelo Oeste paulista, invadindo o sertão da mata virgem", parte Alfredo Ellis, então já casado, para o interior, a desbravar terras, a engrossar a onda verde dos cafezais. Vencidas penosas etapas, êi-lo senhor rural à margem do Mogi-Guaçu, co-proprietário da fazenda Santa Eudóxia, que, "em pleno coração da mata", surgira do nada com os seus cafezais intensos, a subir e a descer encostas; e com suas instalações que aos poucos cresciam em importância e conforto.

As atividades agrícolas de Alfredo Ellis, que quatro anos após a formação da Fazenda Santa Eudóxia, se transferira para o município de Rio Claro, onde adquirira a fazenda "Oliveiras", prolongam-se até 1890, quando segue para S. Paulo, cidade em que se instalou com a família, já nessa época numerosa.

Republicano ardoroso, iniciara suas lides políticas contra a monarquia em 1882, prelibando nos discursos que então pronunciava, em comícios de propaganda, o espírito combativo que deveria constituir o traço característico de suas futuras atividades parlamentares. E os princípios liberais, de que era simbolo em seu espírito a figura austera de Lincoln, foram também intensamente propagados em prol da abolição, não se limitando êle, porém, ao simples uso da palavra, dando, com a libertação de seus escravos, exemplo vivo da hombridade de suas idéias.

* * *

Eleito deputado federal, fêz parte Alfredo Ellis da representação bandeirante na Constituinte de 1891, ao lado de Prudente de Moraes, Bernardino de Campos, Campos Sales, Rangel Pestana, Antônio Prado e outros nomes ilustres, que tanta influência tiveram na vida política, social e econômica do País. Segue-se, então, o período agitado dos primeiros anos da República, em que o prestígio de S. Paulo encontrava o maior esteio no Partido Republicano Paulista, de que Alfredo Ellis era um dos principais mentores.

Por morte de Manuel de Moraes Barros, em 1902, que ocupara a cadeira de senador de seu irmão Prudente de Moraes, é êle investido do mandato senatorial. E, como diz o seu biógrafo, "nos vinte e três anos, em que o parlamentar paulista ocupou no Senado da República, a mais alta posição de em-

baixador do Estado, ele conservou a mesma linha da mais rígida honestidade, pautando sempre a sua conduta, continuamente a mais ativa e a mais combativa, pugnando infatigavelmente, como se ele quizesse fazer tudo num só tempo, pela causa pública e particularmente por S. Paulo, seu partido político e pela sua classe agrícola".

E nada melhor atesta a sua impetuosidade, seu espírito de luta, sua dedicação aos interesses do país, do que os discursos pronunciados em diferentes fases de sua carreira, que documentam o livro de que nos ocupamos.

O café que no dizer do autor de "O Bandeirismo Paulista" era e é para S. Paulo "a viga mestra de toda a sua razão de ser e se resumia como se resume ainda, no problema máximo da sua economia", fôra o leit-motiv da vida parlamentar do senador Alfredo Ellis, como fôra o sonhado el-dorado de sua vida rural. E, assim, suas campanhas mais agrestes, em que se destacam as dirigidas contra a Companhia Docas de Santos e contra a S. Paulo Railway, os dois escoadouros da produção paulista, sempre tiveram a inspirá-las os interesses da lavoura cafeeira. Mas a vitória máxima de sua carreira política foi, sem dúvida, a valorização do café, levada a efeito em 1906, e repetida em diferentes ocasiões mais tarde, valorização essa, pela qual já em 1902 se havia batido, colocando-se como o pioneiro de uma operação econômica, nos tempos modernos, para a qual não havia ainda palavra na língua inglesa (Ver: Valorization em "Encyclopaedia of the Social Sciences" e "Webster's Dictionary").

Impossível se torna resumir, em breves linhas, o conteúdo desse alentado volume de 495 páginas, que constitui a biografia de "Um Parlamentar Paulista da República". Como bem afirma o seu Autor, "há enorme deficiência nas páginas da história brasileira, a respeito do período republicano. Essa deficiência que, em relação ao país todo é grande, imensamente maior ela se torna, em se tendo em vista a história do período republicano de S. Paulo". Alfredo Ellis foi desbravador de sertões, plantador de café, fazendeiro, senhor de escravos e, sobretudo, político, numa carreira que se estende de 1870 até o dia de sua morte, em 1925. Companheiro de Rui Barbosa na Campanha Civilista, participou de todos os grandes movimentos que nesse longo período agitaram o país.

O trabalho, que o ilustre professor da cadeira de História da Civilização Brasileira da Universidade de S. Paulo realizou, constitui assim importante contribuição para o estudo da evolução política e social do Brasil, assim como de suas condições econômicas. Discordamos, sem dúvida, de alguns de seus pontos de vista, quando abandona o papel de biógrafo para transmitir, não raro com demasiada veemência, suas próprias ideias sobre os assuntos que focaliza; parece-nos que certas repetições poderiam ser omitidas, sem prejuízo da clareza do trabalho, e que a forma, talvez pelo calor da exposição, perde às vezes a limpidez que era de desejar. Mas "Um Parlamentar Paulista da República", ao lado de suas grandes qualidades, representa, em última análise, uma reivindicação justa à memória de quem, havendo tanto trabalhado pelo Brasil, tão ausente andava das páginas de sua história.

GUILHERME DEVEZA.

* * *

Um estrangeiro, para fazer a resenha deste livro, sente-se ao mesmo tempo em má e boa situação. Claro está que é o menos apto a julgar a contribuição da obra do Dr. Ellis Júnior para o conhecimento da história recente do Brasil e de S. Paulo; contenta-se em senti-la em face do acervo de documentos utilizados, e em parte publicados. Mas, exatamente por ser estrangeiro, e não especialista em história do Brasil, pode testemunhar o interesse enorme que tal obra apresenta para a história geral.